



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

Ecoss da globalização no cinema europeu

Globalização ou *mondialisation*, como preferem os franceses. Pelas amostras recentes do cinema europeu, o velho continente acumula traumas cada vez mais profundos diante da ordem econômica vigente. Alimentados por fantasmas como as frenéticas trocas de mercadorias, a voracidade das empresas transnacionais, ou por termos como *downsizing* e *outsourcing*, o que parece vir à tona nas películas é a tomada de consciência do definitivo sepultamento do modelo europeu nas relações corporativas.

Três filmes recentes abordam a questão dos modos mais distintos, sem deixar de lado o explícito incômodo com as regras que os americanos estabeleceram, e os chineses vêm explorando com ímpeto nos últimos anos.

No francês *O corte*, do franco-grego Costa-Gavras, Bruno Davert perde seu emprego numa indústria de papel francesa e, sem conseguir recolocação, trama uma solução tão inusitada quanto macabra. Ao anunciar uma vaga para profissionais com as suas qualificações, ele passa a mapear seus possíveis concorrentes eliminando-os, literalmente, um a um. Gavras trabalha nesta história de humor negro com maestria, nos limites da verossimilhança, instigando-nos a perceber o quão sutil são os labirintos que confundem competitividade, autoestima, desejo e frustração. Mais uma das adaptações para o cinema da obra do premiado Donald E. Westlake, *O corte* traz à tona questões fundamentais no mundo corporativo de nosso tempo. Há vagas para todos nós? Onde se encaixam os que são excluídos do mercado?

Essas são perguntas usuais a pairar sobre as cabeças dos candidatos a cargos nas grandes companhias. Com o acir-

ramento dos processos de seleção e a utilização de métodos “científicos” para esse fim, a competição ganha muitas vezes ares de experimentos próprios à ficção científica.

O espanhol *O que você faria?* do argentino Marcelo Piñero, transforma essas observações em tema. Baseado em *O Método Grönholm*, peça do catalão Jordi Galcerán, encenada recentemente no Brasil, o filme trata de um método “revolucionário” de seleção de candidatos às grandes corporações.

Adentramos aqui em um universo muito além das famosas e, pelo visto, ultrapassadas dinâmicas de grupo. Num grande edifício de Madri, sete executivos são confinados numa sala e expostos a testes próximos à tortura psíquica. Mensagens e provas dúbias são enviadas pelas telas dos computadores à moda de um Big Brother orwelliano. Espiões são infiltrados entre os candidatos criando um ambiente de desconfiança mútua. Assim como no filme de Costa-Gavras, Piñero trabalha num registro da exacerbação dessas relações. As sutilezas, as entrelinhas, o que não se diz, cada movimento demonstra mais sobre as intenções de cada um, do que aquilo que é efetivamente verbalizado, do que as ações postas em prática.

Constantemente julgando uns aos outros, os candidatos vão sendo envolvidos num jogo de tensões crescentes, enquanto nas proximidades do edifício manifestantes antiglobalização se chocam com a polícia madrileña. O contraste entre o isolamento do indivíduo e as tensões sociais fica latente entre estes dois quadros em paralelo.

De dentro das novas regras do sistema há uma demasiada exacerbação da solução individual, o incenso do ego, a elimi-

Diretores como Costa-Gavras, Marcelo Piñero e Nicolas Klotz levam às telas o trauma do velho continente com a globalização, mas o que parece vir à tona nas películas é a tomada de consciência do definitivo sepultamento do modelo europeu nas relações corporativas

nação de antigas noções coletivas rotuladas como esquerdistas. Por outro lado, os que são excluídos por essas regras, ou que se opõem a elas, aglutinam-se em organizações que sinalizam com o embate físico e a retomada de slogans populares em épocas outras, especialmente nos anos 1960, um tempo destituído de identidade própria, de idéias que dêem conta de desafios cada vez mais complexos.

Nesse cenário cresce a importância de profissionais oriundos da psicologia nas empresas. Estes passam a desempenhar papel central na tomada de decisões estratégicas, na estruturação de processos de identificação de subjetividades adequadas às corporações. É com sofisticação que Nicolas Klotz desenvolve o tema no francês *A questão humana*.

De volta à França, país que parece ser protagonista dos movimentos mais ruidosos de contracorrente, com suas regras trabalhistas diferenciadas, sindicatos fortes e uma tradição em questionar imposições externas, o filme tem lugar na filial francesa de uma petroquímica alemã, onde o psicólogo Simon, após participar com destaque de um amplo processo de reestruturação na empresa, é convocado a investigar as mudanças de personalidade apresentadas pelo presidente da companhia.

Esse ponto de partida, que na verdade oblitera relações mais complexas entre outros membros da diretoria, revela práticas que reproduzem, no ambiente corporativo, procedimentos militares como a espionagem e a cifragem de dados.

O filme de Klotz nos põe em contato com uma historicidade da vida nas grandes empresas, em que é possível notar o encadeamento de organizações sociais que, em diversos casos,

se confundem com a consolidação de cidades, regiões, países. Ponto central na configuração da vida urbana, da migração do homem para a vida nas metrópoles.

Ao ligar diversos pontos de sua narrativa, como a impessoalidade das relações ou a uniformização dos trajes, às relações entre corporações e estados – o viés político e ideológico de muitas destas práticas –, *A questão humana* é a mais madura análise que o cinema europeu nos ofereceu nos últimos anos sobre o tema.

A oportunidade que usufruímos ao entrar em contato com esse conjunto de filmes, com sua diversidade de registros e diferentes potencialidades, está na ampliação de reflexões, que além das peculiaridades do ambiente corporativo, passam a ser centrais em nossa contemporaneidade.

Entre o ímpeto individual, a vocação produtiva e o afã consumista de uma sociedade que se amplia com base na tecnologia, que tipo de organização social será capaz de dar conta dos desafios que nos são lançados? Nesse momento central, em que corporações economicamente maiores do que diversas nações ruem e só sobrevivem à base de vultosos auxílios por parte dos governos, qual o novo equilíbrio para essa nova ordem? Globalização, *mondialisation*, tais termos envelhecem e caducam a olhos vivos. O novo tempo, esse que ainda não percebemos, escapa à ficção fílmica, desliza entre as sinapses dos realizadores. O que permanece, como memória ou fóssil de um período aparentemente findado, está registrado em película e quando reproduzido nas salas escuras em breve mais nos parecerá o estertor de uma era encerrada. 